

O PROBLEMA NACIONAL DOS PAINÉIS

DIÁLOGO COM O VISÍVEL E SOLILÓQUIO ENTRE ALMAS DO OUTRO MUNDO

Por JOSÉ DE BRAGANÇA

A O revelar o nome do pintor português do nunca assaz celebrado Políptico, em que se lê a sua assinatura inequívoca, fiquei aguardando a repercussão do facto novo, isto é, a reacção daqueles que entendem dirigir e orientar a opinião.

Os meus primeiros artigos aqui publicados suscitaram o aparecimento de vários comentários, assinados por escritores habitualmente dedicados a assuntos de cultura: meras divagações de oportunidade jornalística, que nada adiantaram para o caso.

Mas com a revelação esporádica do verdadeiro autor fez-se até agora o mais insólito silêncio. Naturalmente, esperando que os responsáveis, ante afirmações claras, se pronunciassem também claramente.

Até à data de hoje, transcorridos quase dois meses, só tenho conhecimento do artigo do prof. Reinaldo dos Santos, em fundo do *Diário de Notícias* deste dia. Título: *Nuno Gonçalves e a perspectiva das almas*.

Logo supus que se não ia tratar do pintor Nuno Gon-

çalves, de quem a Academia de Belas-Artes recolheu, depois de 1834, um «Cristo

CRÓNICA MUSICAL

Por SEQUEIRA COSTA

NOVA IORQUE apresentou ao Mundo o seu primeiro Concurso Internacional para pianistas, em homenagem a Mitropoulos, regente da orquestra sinfónica-filarmonica daquela cidade até 1960, ano do seu falecimento.

A organização dos filantropos judeus levou a efeito este concurso no passado mês de Dezembro de 1961.

A recepção aos candidatos foi notável, porquanto todos os pianistas ficaram alojados em residências particulares da 5.ª Avenida na da Park Avenue. Quem possa visitar es-

(Continua na 3.ª pág.)

atado a coluna, que os judeus estão acoitando», identificado por Francisco de Holanda, quando ele estava ainda, no século XVI, no Convento do Carmo.

Antes da publicação do meu último artigo revelador, o prof. Reinaldo dos Santos expressou a sua convicção de que, qualquer que fosse o verdadeiro autor do Políptico das Janelas Verdes, o nome de Nuno Gonçalves «sobreviveria» simbolicamente como o do renovador genial da pintura primitiva portuguesa

O seu presente artigo é, efectivamente, a primeira tentativa de «sobrevivência» de uma atribuição morta, a que se não deseja fazer o necessário enterro.

Será a sorte moína deste génio, perseguido em vida, ser também votado ao ostracismo no seu próprio país,



Pormento do painel do Infante: Uma viva expressão de mágoa e de saudade, profundamente sentida pelo pintor genial

apesar de já reconhecido — com suposto nome, embora — no Mundo inteiro? Não se pense nisso. O clima artificial em que temos

vivido, neste campo, não contaminou os espíritos que na Europa cultivam a História da Arte. E se eu entendo que a roupa suja se deve lavar em casa e me tenho mantido calado, quanto possível, fora de portas, isso não me obrigará a ficar mudo e quedo até à morte, se a lavagem indispensável tardar mais do que o razoável.

Verifique-se a verdade das minhas afirmações documentadas e responda-se, sinceramente, com a objectividade que o caso requer. «Tudo se torna manifesto

(Continua na 5.ª pág.)

LISBOA NA SALA DE OPERAÇÕES

Por ALBERTO DE LACERDA

LISBOA é uma das cidades mais maravilhosas do mundo. O seu mistério, a sua atmosfera de bruxedo, o seu desparado no mantismo, a sua luz, a sua incomparável luz — fazem dela um prodígio, um prodígio único. Mas Lisboa

não é apenas a luz, e a sua situação privilegiada; o seu encanto vem, em grande parte, dos edifícios, do capricho artístico das ruas, da nobreza pombalina da Baixa, e do sortilégio ancestral de Alfama, a Mouraria, a Graça, etc.

Ao fim de dez anos de ausência, demoro-me — embora de passagem — uns meses em Lisboa. E pasmo com o vandalismo conscientemente perpetrado na capital do meu país. Já não falo na vergonha inenarrável de se ter ousado tocar na Avenida da Liberdade; mas — admite-se que se deitem abaixo, em Benfca, palacetes do século XVIII? Admite-se que se vá delatando abaixo a Mouraria, numa forma quase sub-reptícia? Admite-se que dalem abaixo solidíssimos prédios pombalinos? Admite-se aquele horror pseudocubista em que transformaram a Praça Marquês de Pombal? Já bastava o desastre do monumento ao ministro de D. José, espécie de Pampodour recalcitrante e inamovível, monumento verdadeiramente grotesco. Agora que, muito inteligentemente, a Câmara Municipal decidiu prolongar a Avenida da Liberdade — a macaqueação que lá está do III Reich é que não pode continuar, com relvados que nos custam os olhos da cara — por que não

se aproveita a ocasião para demolir a infeliz estátua do marquês? Continuo a lamentar, que não se plante de novo o resto do Parque Eduardo VII — mas do mal o menos.

O quê que os «Amigos de Lisboa» andam a fazer? Deviam mover cacaximca para esclarecer as autoridades competentes.

Celebramos com uma pompa — e uma frequência — que ofusca outras nações o centenário da conquista de Lisboa, o nascimento e a morte deste navegador, daquele príncipe. Acho muito bem. Mas há aqui um contra-senso: o celebrar tais efemérides implica o amor da tradição. Ninguém ama mais a tradição

(Continua na 9.ª pág.)



Pormento do painel dos Frades: Retrato de um cisterciense, de impassível presença, vigorosamente caracterizada

PRÉMIO ITALIANO DE JORNALISMO

COM o objectivo de homenagear o grande editor milanês, a revista «Tempo» decidiu instituir um prémio de jornalismo «Aldo Palazzoli», a atribuir ao melhor artigo publicado num jornal ou numa revista italiana todos os anos. O júri é constituído por Giovanni Ansaldo, Vittorio Garresio, Enrico Mattel, Paolo Monelli, Giancarlo Palazzi, Arturo Tofanelli e Giancarlo Viro-relli.

BABILÓNIA

Com pátios interiores e com palmeiras
Com muros de tijolo com pequenos tanques
Com fontes com estátuas com colunas
Com deuses desenhados nas paredes de barro

Com corredores e silêncios e penumbras
Com vestidos de linho tocando a pedra pura
Com cinamomo e nardo
Com jarras donde corria azeite e vinho
Com esteiras frescas sob os pés pintados
Com prisioneiros com servos com escravos
Com lucidez feroz com amargura
Com ciência e arte
Com desprezo
Babilónia nasceu de lodo e limo

SOPHIA DE MELLO BREYNER

QUINTA-FEIRA
à tarde

(Continuação da 1.ª pág.)

aos sentidos, donde impossibilidade de dúvida» — dizia Roger Bacon, já no século XIII. Mas este frade via muito. Até consta que ele inventou a pólvora.

Os que nem sequer inventaram a errada atribuição do Políptico a Nuno Gonçalves é que não vêem outra coisa — porque não querem ver. E esses são os piores cegos...

Serviui de pretexto a este artigo do prof. Reinaldo dos Santos o mais recente trabalho de René Huighe, «L'Art et l'Âme», publicado em fins de 1959, último de uma trilogia, cujos primeiros são «L'Art et l'Homme» e «Dialogue avec le visible».

Conhecedor profundo da história da pintura e das ideias estéticas, o antigo investigador do Louvre professora, hoje, História e Psicologia da Arte, no Colégio de França. E creio que os três volumes citados representam o melhor das suas conferências ali pronunciadas.

Estes três livros, tão ricos de ensinamentos sobre os problemas da história da pintura e das artes em geral, não são uma história de Arte, no sentido didáctico mais restrito, mas um sábio e delicioso discurrir sobre a evolução das formas e a psicologia da expressão artística.

«L'Art et l'Âme», como o título indica, considera especialmente a atitude contemporânea da arte abstracta, essa «obsessão» que «depressaria limitação e até esclerose, uma dessas escleroses que precisamente fazem envelhecer o pensamento de uma época e o tornam sem validade para as gerações que seguem. Este livro entende ajudar a tirar-nos daí para fora».

E continua:

«O seu papel essencial (o da Arte), a sua constante, é, desde a origem, um modo de expressão do homem. É bem possível que, dentro de cem anos, o problema da arte abstracta apenas tenha conservado como interesse principal o seu testemunho sobre o homem actual, — que então, não o esqueceremos, terá deixado de ser o homem moderno».

«Assim é tempo de abordar o problema da arte e da alma, a arte de linguagem da alma. Mas nem por isso ignoremos, nem descuidemos o problema da arte-construção, por outras palavras, da plástica, que ela seja geometria elaborada ou mancha espontânea. Mas saibamos que ela se tornaria um jogo estéril, se não se salvaguar-

O PROBLEMA DOS PAINÉIS

dasse o sentido da arte-expressão».

E nos capítulos seguintes propõe-se «determinar os meios de comunicar de que dispõe essa linguagem, a Arte».

Termina assim este aviso sobre as intenções do livro: «A tentação de um desenvolvimento dogmático seria perigosa: para evitar esse perigo, preferimos, nesta última parte, às exposições doutrinárias, o exame de casos particulares, pedindo-lhes que se aproximem o mais possível da realidade exemplar».

«Porque, neste livro consagrado às relações mais estreitas da arte e da nossa vida, é a vida da arte que nós quiséramos fazer sentir».

Não é por acaso que René Huighe só veio a tratar da nossa pintura primitiva neste terceiro volume, mais transcendentemente voltado para o abstracto.

Pois faltava-lhe o conhecimento preciso da vida do pintor e da significação da sua obra, empolgante sem dúvida, mas indeterminada — um pintor misterioso, como outros lhe têm chamado, uma obra por estudar, de toda a evidência universal.

Este terceiro volume contém, pois, um capítulo consagrado à nossa pintura do século XV, ao genial pintor que supõe ainda chamar-se Nuno Gonçalves, nome espalhado aos quatro ventos por uma insistente propaganda académica.

Título: 2. Um meio histórico: o realismo flamengo em Portugal; Nuno Gonçalves.

Não reparou René Huighe que realismo flamengo é incompatível com a atribuição de José de Figueiredo, baseada nas quatro linhas de Francisco de Holanda, em que este caracteriza o autor do S. Vicente da Sé por querer de qualquer modo «imitar os antigos italianos pintores».

Assim, incorre num flagrante contra-senso.

E continua: «Aqui está Portugal que colheu a lição flamenga. Mas, nesse novo cadinho, ela conduz a caracteres diferentes: é uma nova fase do realismo, que pode seguir-se ali, e é também o seu deslizar para um capítulo muito outro da história do Ocidente: da matéria, a investigação do pintor passa às almas e entrevê-se já o advento do indivíduo, de quem em breve teremos de seguir o surto e o reino,

revolucionando os destinos da arte europeia».

René Huighe não opõe (como acabamos de ler em Reinaldo dos Santos) a nossa pintura à pintura flamenga, antes a *justapõe*, em seu seguimento, acentuando subtilmente a sua mensagem iniciadora de um novo rumo — o da prospeção das almas. ou como se tornou já um lugar-comum, que o autor evita: o nascimento do retrato psicológico. Filia-a, com toda a razão, na visão estética dos Van Eyck, de quem José de Figueiredo não queria admitir a indiscutível influência directa na nossa melhor pintura do século XV, pois isso invalidaria a citação de F. de Holanda.

Não é aliás o único senão, na admirável obra do esteta francês. Ainda ali se atribui ao mestre Alfonso o retábulo de San Cugat, que recentes investigações lhe recusam, para o dar a um outro pintor, já do século XVI, de nome germânico, ao que parece

Sanchez Coelho, nascido perto de Valência segundo documentos conhecidos, é ainda considerado por Huighe como português (e sé-lo-ia, decerto, por estirpe feminina apenas), tal como pretendia José de Figueiredo, que durante muitos anos andou mostrando, como seu, ao mundo incrédulo das artes, aquele maravilhoso retrato de senhora idosa, do Museu das Janelas Verdes. O actual director, porém, tão fiel admirador do seu saudoso mestre, não hesitou em negar-lhe a absurda atribuição.

Estas e outras pequenas imprecisões não contam, perante a subtilidade de análise, a prodigalidade de imagens e ensinamentos, que fazem

de toda a obra de René Huighe um denso breviário estético incomparável.

Traduzo ainda:

«Não se pode deixar de sublinhar assim até que ponto, na originalidade do seu génio, Nuno Gonçalves (digamos: o pseudo Nuno Gonçalves, para evitar a confusão no espírito do leitor do «Diário Popular») centro da escola portuguesa do século XV, interpreta e desenvolve os problemas essenciais que se apresentavam à consciência ocidental e que fatalmente se repercutiam na arte contemporânea».

Toda a importância dessa contribuição genial à arte do Ocidente é admiravelmente evidenciada, como nunca o fora até hoje pela crítica estética europeia.

Relacionando a obra do pintor com o «Retrato de 1456» e o «Homem do copo de vinho», e de uma maneira mais geral com a escola de Avinhão, René Huighe indica aos nossos próceres das Belas-Artes o caminho que há muito percorri, mau grado seu. A influência desse Grão Vasco Fernandes e de outros pintores da Beira nos melhores produções da arte catalã da segunda metade do século XV não lhe escapa tão-pouco. E disso tenho algumas provas claras, que a seu tempo serão publicadas.

Que admiráveis páginas não ficaríamos devendo a René Huighe se, em vez do «vague à l'âme» de que nos falou num primeiro ensaio sobre os primitivos portugueses, ele conhecesse o significado real daquela composição única, a verdade da vida interior dessas figuras imortalizadas pelo pincel genial do Grão Vasco Fernandes!

É sobretudo a sua «descoberta da pessoa» por esse

pintor de génio, o que acentua todo o capítulo de «L'Art et l'Âme».

E prossegue «O retrato é também um comentador da natureza humana».

A cara é o retrato da alma, diz uma expressão vernácula que talvez o pintor conhecesse já. Em todo o caso, no seu políptico, ele nos ajuda a desvendar as incógnitas que se acumulam nessa assembleia de sessenta pessoas, pelo expressivo gesto de todos e de cada um, pela presença real de tantas figuras imorredoras.

A compreensão do significado dessa assembleia magna, não pode atingir-se sem que se determinem as razões de tão impressionante presença. Não se trata de um retábulo vulgar, de qualquer orago costumeiro, mas de um quadro histórico, no mais puro e veemente sentido da palavra.

Abstrair dos indivíduos, não os considerando na sua personalidade real, silenciar os motivos que ali os juntaram, para só ver neles *almas* no mais vago e fugidivo sentido duma perspectiva etérea, é não querer penetrar no significado da obra portentosa, e desprezar o mais emocionante testemunho da nossa história.

Isso seria para o prof. Reinaldo dos Santos «espíthar», porque as pessoas reais não lhe interessam.

Mas quando os «piolhos» são, entre outras individualidades históricas, os «altos infantes» da geração de Aviz, como lhes chamou Camões, parece-me que investigar seria termo mais apropriado.

Ao invocar René Huighe como autoridade para fazer valer a atribuição do Políptico a Nuno Gonçalves, o ilustre professor de medicina aparece-nos um tanto anacrónico.

Pode o prof. Reinaldo dos Santos afectar desconhecimento do que quiser, enquanto lhe aprouver, mas será possível que o presidente da Academia de Belas-Artes tome publicamente semelhante atitude?

Isso seria o absurdo, que, segundo a definição de Albert Camus, «nasce do confronto entre o chamamento do homem e o silêncio sem razão do mundo».

Lisboa, 19-II-62

JOSÉ DE BRAGANÇA

N. da R. — Recebemos dos srs. Mário de Sampaio Ribeiro e Luis Vaz Coelho cartas contendo observações ao relato aqui feito da conferência realizada no Museu de Arte Antiga pelo seu director, sr. dr. João Couto. Ambas essas cartas merecem aclarações minuciosas, que serão dadas juntamente com o próximo artigo do nosso colaborador José de Bragança, comentando a dita conferência, sob o título: «Os silêncios e as interrogações do director do Museu das Janelas Verdes».

ARCO-IRIS

O calendário dispôs, este ano, que os dias 4, 5 e 6 de Março fossem consagrados ao Carnaval. É uma ideia como outra qualquer. Dir-se-á que consagrar, anualmente, três dias ao Carnaval não passa de uma tradição que o calendário se limita a respeitar. Não discutimos. Perguntamos somente se, nestes tempos em que o Carnaval, não apenas nos traz os jogos mas nos sentimentos, dura, por toda a parte, de 1 de Janeiro a 31 de Dezembro de cada ano, ainda se justificará a praxe de uma quadra carnavalesca com a duração de três dias?

A Academia das Ciências de Lisboa decidiu dedicar uma sessão, na sua sala nobre, à memória do almirante Gago Coutinho, glória da ciência portuguesa. Não deixara de ser oportuno recordar um discurso que Gago Coutinho leu na Academia e que surpreendeu todas as pessoas que o ouviram. Pelo saber que continha? Sim, mas não só por isso. Porque Gago Coutinho o escrevera não, como é costume, em quartos de papel, mas num rolo

que ia desenrolando à medida que ia lendo...

O embaixador de Portugal em Londres, dr. Manuel Rocheta, e sua esposa, recentemente, para Londres dois cães seus, de muita estimação. Por disposição de uma lei do Reino Unido, os cães tiveram de ficar um tempo de quarentena antes de serem entregues aos donos. A estas horas já o dr. Manuel Rocheta e sua esposa os devem ter em casa. Os dois cães, a que nos vimos referindo, são dois verdadeiros gentlemen: assistem às recepções que os donos oferecem; ladram, segundo nos informam, em várias linguas e poderão justamente repetir as palavras de Toussent: — Les chiens sont le premier élément du progrès de l'humanité.

AQUILINO RIBEIRO, que nos enviou há dias uma nova edição da «Mónica», anuncia-nos um livro de memórias: «Tempos do meu tempo». Se Aquilino conta tudo

(Continua na 11.ª pág.)